

# Sarney compara desobediência ao anarquismo

Sarney + José

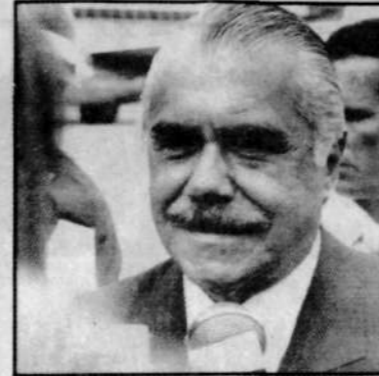
BRASÍLIA — O Presidente José Sarney acusou ontem dirigentes empresariais de anarquistas e aliados de Bakunin, porque "num momento em que se procura consolidar o estado de direito no Brasil e o regime da lei, eles pregam a desobediência civil" e advertiu, também, que ninguém vai desestabilizar o Governo.

As críticas do Presidente foram feitas durante o primeiro programa semanal deste ano "Conversa ao Pé do Rádio", no qual Sarney, em linhas gerais, destaca as realizações do Governo e condena o pessimismo e o desânimo.

— Para que se verifique o estado de exaltação a que chegou esse estado de espírito, basta ver que dirigentes empresariais, num momento em que se procura consolidar o estado de direito no Brasil, o regime da lei, pregam a desobediência civil e a anarquia, e passam a ser aliados daquela coisa do século passado, que é Bakunin — afirma o presidente.

Mais adiante, Sarney elogia os trabalhadores:

— Eu acho que mais paciência têm tido os trabalhadores brasileiros, o povo pobre e sofrido que agüenta os índices de miséria absoluta, este sim que constitui o verdadeiro problema e a vergonha nacional. Mas, em vez de sermos ajudados para resolver os problemas, o que vem são atropelos para dificultar soluções — disse o Presidente.



Sarney criticou os empresários

Sarney foi enfático ao falar dos propósitos do Governo:

— Fiquem certos que nós cumprimos com o nosso dever. Estamos aqui para administrar problemas e conflitos, saberemos conduzi-los com paciência, sem paixão, porque ninguém vai desestabilizar o Governo. Para isso, contamos com o apoio do povo brasileiro — afirmou.

Após enumerar as vantagens obtidas neste Governo relativas às áreas econômica e social, o Presidente disse que, mesmo assim, os bons resultados não bastam para sanar o pessimismo e o desânimo.

— Não bastam os bons resultados para deter o pessimismo que tem sido espalhado e continua desde o primeiro dia do meu mandato. Dia e

noite semeia-se o desânimo e anuncia-se o desastre. Graças a Deus o Brasil não vai conhecer esse desastre. E claro que temos problemas, mas qual o país que não os tem? — indagou.

O Brasil chegou ao fim do ano passado, segundo o Presidente, com um recorde de crescimento. Foi o país do mundo ocidental que mais cresceu no setor industrial, cerca de 12 por cento. O índice de desemprego em São Paulo caiu para 8,2 por cento e os rendimentos médios subiram 12 por cento, conforme dados do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese) citado por Sarney.

— Critica-se muito que o Governo não tem cumprido a sua parte no que se refere à diminuição dos gastos públicos. Em 1985, o Governo gastou 3,9 por cento do PIB e no ano passado esses gastos caíram para 2,5 por cento. A inflação, que foi de 235,11 por cento em 1985, caiu no ano passado para 22,8 por cento pelo IPC, cerca de dez vezes menor do que no ano anterior. Tivemos também em 1986 um saldo positivo na balança comercial, de US\$ 10 bilhões e um crescimento do PIB da ordem de oito por cento e cinco por cento para o produto agrícola. Esses dados são importantíssimos. Nenhum país do mundo teve um desempenho igual ao do Brasil — afirmou.

As projeções para este ano, anunciou o Presidente, são de manter o crescimento econômico entre cinco e

sete por cento, manter a taxa de emprego, o saldo da balança comercial e continuar o processo de consolidação da democracia, fazendo uma Constituição que assegure os direitos sociais e as liberdades democráticas. O Governo, acrescentou, pretende ainda manter a prioridade pelos pobres e "não recuar diante das pressões internas e externas".

Os principais problemas enumerados pelo Presidente são a cobrança do ágio, a política de preços e a especulação.

— A economia não é geometria, precisa ser ajustada no dia-a-dia. Temos problemas graves, mas o Governo tem que ficar permanentemente resistindo a interesses poderosos que, muitas vezes, não olham o Brasil, mas os seus próprios interesses — denunciou.

As negociações para a dívida externa, que começam no dia 19 deste mês, disse o Presidente, "trazem para dentro do País as pressões que atravessamos lá fora, para nos obrigar a sentar à mesa de negociações enfraquecidos". O Presidente destacou, no entanto, que essas pressões não vão intimidar o Governo.

No fim do programa, Sarney anunciou a conquista do 13º Salário para os funcionários públicos e desmentiu que o Governo tenha proibido práticas religiosas de Ubanda e outros cultos. O Presidente disse que nunca o Governo tratou desses assuntos e que respeita essas práticas religiosas.